



A Voz do Champagnat

Editorial

Escolhemos para este número d'*A Voz do Champagnat* o tema da **Partilha**. É bastante óbvio, sim, e vem já no seguimento do número anterior em que celebrámos o valor **Gostar de Partilhar**. Mas este número tem muito das turmas que quiseram mostrar, e assim partilhar, aquilo que andam fazendo por estes dias. Isso é partilha. Não se trata só de dar a conhecer. Quando publicamos no jornal da escola, há algo mais do que só dar uma notícia. É como se, assim, pudéssemos alargar

a toda a comunidade o trabalho de sala e até algum trabalho individual. A experiência do Pedro Henriques, por exemplo, que teve a oportunidade de entrevistar o artista Pedro Cabrita Reis, deve ter sido muito especial. O André Shan conta-nos da grande celebração que é para a família dele o Ano Novo Chinês e isso chega-nos através deste nosso jornal escolar... que conta já com vinte números. Todos foram atos de partilha. Venham outros 20.

Teresa Byrne

Nº20

Janeiro 2014
50 champas



**Humanismo
e Excelência**

O Coro do externato Champagnat cantou no Spacio

Foi no passado dia 14 de dezembro que o Coro da nossa escola cantou na esplanada exterior do centro comercial Spacio, nos Olivais.

Como o Natal estava perto, o coro foi espalhar a magia do Natal e dar um pouco de alegria a todos os que lá estavam ou por lá passaram, cantando diferentes músicas que deixavam mensagens às pessoas. Cantámos canções como "Abre o presente", "Broas de mel", "Ave Maria", "We are the world", "O melhor presente" e "Down by the Riverside".

Foi uma tarde diferente, cheia de alegria e felicidade que se via no rosto de todos.

Matilde Silva, 7º ano e Marta Bento, 8º ano

O centro comercial Spacio, na pessoa da Dra. Sofia Cepa, da Direção de Marketing, agradeceu ao Externato Champagnat a participação nas atividades de Natal do centro, manifestando a vontade de desenvolvermos mais iniciativas em parceria.

Torneio de ténis de mesa no Externato Champagnat

Queres vir jogar ténis de mesa? Então estás cheio de sorte...
Os alunos do 6º ano vão realizar um torneio de ténis de mesa.
Será no dia 28 de fevereiro, com início às 9.30.

Para mais informações contacta a Marta Martins, Francisco Lopes, Miguel Amaro, Eduardo Lira ou Lourenço Duarte do 6º ano.

**INSCREVE-TE até dia 19 de fevereiro E GANHARÁS UM SUPER PRÉMIO!
O IMPORTANTE É PARTICIPAR E NÃO FALTAR DIVERSÃO!**

Marta Martins, Francisco Lopes, Miguel Amaro, Eduardo Lira ou Lourenço Duarte (6º ano).



Entrevista a Pedro Cabrita Reis

No âmbito da disciplina de Educação Visual, o Pedro Henriques fez uma entrevista ao artista plástico Pedro Cabrita Reis.

Com que cores pintaria Lisboa?

PCR Não sei, com muitas cores, com as cores que as pessoas gostassem de ter na cidade. Não devemos querer impor um pensamento único. Há um filme célebre sobre Lisboa que lhe chama "Cidade Branca", mas eu acho que **Lisboa tem muitas cores.**

Onde vai buscar as ideias para os seus trabalhos?

PCR Ser artista não é um passatempo, um part-time. Eu sou artista sempre. Um artista está sempre a ser artista, mesmo quando estou a andar de mota, ou na praça a comprar peixe, é-se sempre artista. Está-se sempre a olhar para o mundo à nossa volta e aproveita-se tudo o que se vê. **As ideias não vêm à hora marcada**, não se é artista das 9 às 5 e depois desliga-se de ser artista. As ideias recebo-as a toda a hora, do mundo real que vem até mim. Tenho de estar sempre atento desde que acordo até que adormeço. Às vezes até dos sonhos chegam ideias. A vida de artista não se reparte como um bolo, não se corta às fatias em que há a fatia disto ou daquilo, em que agora sou isto e depois sou aquilo. **A vida de artista é o bolo inteiro.**

Em que obra está a trabalhar?

PCR Em várias coisas ao mesmo tempo. Tenho encomendas seja de pessoas privadas que querem uma obra para a casa ou para o jardim, seja de instituições ou de entidades públicas. E depois tenho o trabalho aqui no atelier em que estamos sempre a fazer e a refazer. Faço desenhos e obras e refaço e estou sempre a fazer.

O que é que ainda não realizou e gostaria de realizar?

PCR A próxima obra é sempre a ideal, a que vamos fazer. **Só aquilo que não está feito tem o estatuto de perfeito.** Depois é o tempo, a história que dará valor à obra que foi feita.

O que é ser artista plástico?

PCR É como ser músico, ou escritor. No caso faz-se pinturas ou aquarelas ou óleos ou esculturas. Os artistas, todos os tipos de artistas, com o nosso trabalho, nós construímos um mundo diferente, novo. Olhamos as mesmas coisas, mas traduzimo-las, interpretamo-las de forma diferentes. **Os artistas aumentam a inteligência das pessoas** através das obras, dando às pessoas novas formas de interpretação do mundo.

O que é a Arte?

PCR É o que acabei de responder: dar às pessoas novas formas de interpretar o mundo.

Prefere instalações ou obras com luz? Qual a sua obra mais marcante?

PCR Gosto de fazer tudo, nada disso é antagónico, contrário. **Eu acho que sou o melhor em Portugal. Não há obra minha que não seja marcante.** Também admiro artistas do passado como os italianos Caravaggio e Tintoretto. O espanhol Picasso e o francês Marcel Duchamp. O Duchamp é o avô de quase tudo o que se faz hoje em arte contemporânea.

Se tivesse uma escola, o que ensinava?

PCR **Boas maneiras.** Saber estar à mesa, respeitar a mãe e o pai e os outros todos, ter boa educação. É isso que garante tudo na vida. Se quiséssemos, podíamos dividir o ano letivo desta forma: 1º período: boa educação; 2º período: educação física; 3º período: olhar, saber olhar. **Para um artista, o mais importante é saber olhar.**



Pedro Henriques, 7º ano

O Ano Novo Chinês



Este Ano Novo é o ano do Cavalo, Ma. Os chineses relacionam cada ano novo com um dos doze animais que apareceram a Buda quando Ele convocou todos os animais da Criação para uma festa para celebrar o novo ano. Conta a lenda que foram aparecendo o Rato, o Boi, o Tigre, o Coelho, o Dragão, a Cobra, o Cavalo, a Cabra, o Macaco, o Cão e o Porco, por esta ordem e que Buda recompensou-os, atribuindo, a cada um, um ano lunar. O Ano Novo Chinês é considerado o dia mais importante de todo o ano. Nos primeiros cinco dias do ano, os chineses costumam realizar festas e fazer coisas generosas como dar dinheiro a fundações ou alimentos e esmolas aos mais pobres. Os chineses acham que o início das coisas é muito importante.

As pessoas do Norte costumam comer um prato tradicional chinês chamado jiaozi, que é uma almofada de farinha recheada com carne. No Sul come-se peixe porque na China "peixe" tem a mesma pronúncia que "resto" ou "sobra". Comem peixe para desejar que durante todo o ano sobre dinheiro e reste sorte. Na noite do último dia do ano todos os programas chineses dão a mesma coisa: o festival do Ano que é uma grande festa nas ruas das cidades da China e que tem dragões enormes movidos por homens. Também há fogo-de-artifício e lanternas. Nos dias antes do Ano Novo, as famílias juntam-se na sua terra de origem. A minha família devia juntar-se em Zhenjiang Lishui. Como a minha família está toda em Portugal e em Espanha, juntamo-nos todos em Viseu, na casa da minha tia, e comemos jiaozi e fizemos jogos. Foi muito bom! Nós somos mais ou menos 30, o que é muito animado. Vestimo-nos todos com algo vermelho porque é a cor da sorte. Bom ano a todos!



Recorte de papel (arte tradicional chinesa) com os animais do zodíaco



A cidade de Wen Xi de onde vem o meu pai

André Shan, 6º ano

Notícias dos Pequenininos

Dia de Reis na sala dos 3 anos B

No passado dia 6 de Janeiro, festejámos, na nossa escola, o tradicional Dia de Reis. Esta celebração católica está associada à tradição natalícia, que diz que três magos do oriente, guiados por uma estrela, visitaram o Menino Jesus na noite de 5 para 6 de janeiro. Os três reis magos chamavam-se Belchior, Baltazar e Gaspar e levaram de presente ao Menino Jesus ouro, incenso e mirra. Estes eram presentes muito valiosos e Maria ficou muito emocionada com a grandeza de tais ofertas.

Maria pensou que também gostaria de agradecer àqueles Reis tão generosos e, depois de muito pensar, fez, com as ofertas que havia recebido dos pastores, um bolo para oferecer aos Reis. No entanto, quando olhou para o bolo que havia feito achou-o muito pobre e pouco digno de reis... Foi então que decidiu enfeitá-lo com frutos secos e cristalizados, que simbolizavam as joias e as pedras usadas pelos Reis.

E foi depois de ouvir esta história dos Reis Magos que degustámos o bolo rei e tirámos fotos com as coroas que fizemos para podermos ser Reis e Rainhas, neste dia tão especial!

A tradição manda que neste dia a família se volte a reunir para celebrar o fim dos festejos de Natal!

Sala dos 3 anos B



Quando um grupo de meninos e meninas dos 5 anos juntam um quadro maravilhoso de Arcimboldo sobre o Inverno, com uma lista de palavras do Inverno e um poema de Eugénio de Andrade também sobre o Inverno o resultado é uma história:

Velho, velho, velho, chegou o Inverno

Era uma vez o Sr. Arcimboldo que gostava de dar passeios pelo parque. Um dia, apanhou uma constipação e ficou com o nariz vermelho de tanto se assoar. Quando andava na rua só estava a espirrar e as pessoas diziam-lhe para ir para casa descansar um bocadinho. Ele não ouvia as pessoas, só queria passear e dizia que esta constipação não fazia mal a ninguém.

Ele gostava de explorar a natureza: gostava de caminhar em cima da relva, pisar as poças de água, ver as violetas, os ramos das árvores nuas, sentir o vento, as pingas de chuva, o nevoeiro...



Ele também gostava de sentir uma brisa fresquinha, mas não sentia frio porque tinha uma mantinha e para a manta não voar com o vento, ele prendia-a com os limões.

Para proteger o cabelo, ele punha folhas na cabeça para fingir que eram um chapéu. Ele gostava de ver a natureza, mas gostava também de ver os netos a brincar com os amigos, de ver os seus netos felizes, que tivessem uma vida boa e fizessem boas amizades.

Quando chegava a casa, ia para o pé da lareira aquecer-se; comia um pãozinho, bebia chá quente e lia o jornal.

Velho, velho, velho
Chegou o Inverno.

Vem de sobretudo,
Vem de cachecol,
O chão onde passa
Parece um lençol.

Esqueceu as luvas
Perto do fogão:
Quando as procurei
Roubaram-as um cão

Com medo do frio,
Encosta-se a nós:
Dai-lhe café quente
Senão perde a voz.

Velho, velho, velho
Chegou o Inverno.

Eugénio de Andrade,
in Aquela Nuvem e Outras
(1986)

Meninas e meninos da sala dos 5 anos A

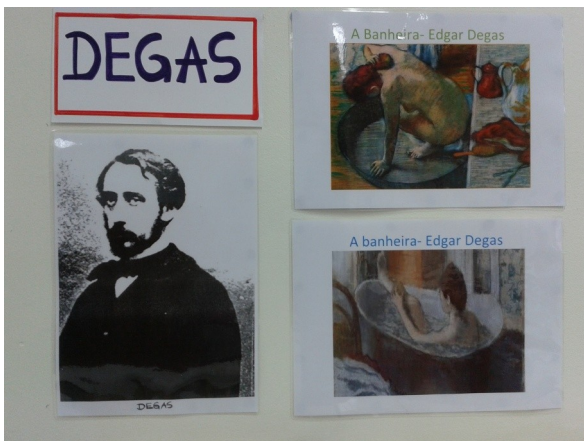
Notícias dos Pequeninos

Hábitos de Higiene!

Iniciámos a viagem pelos hábitos de higiene. Isto de andarmos limpinhos e cheirosos nem sempre foi assim.

E foi deste modo que os meninos e meninas dos 3 anos A ficaram a saber os vários hábitos de higiene ao longo do tempo e a saber o que fazer para andarem sempre limpos e cheirosinhos!

Os egípcios foram os primeiros a ter o hábito de tomar banho, sendo este sagrado e uma forma de purificar o espírito. Este ritual impediu que esta civilização fosse assolada por pragas e epidemias. Os Romanos, influenciados pelos Gregos, ampliaram este hábito, construindo termas (edifícios com vestiários, saunas e piscinas), sendo os banhos públicos. No Oriente, em países turco-árabes, as Hamans (casas luxuosas onde os muçulmanos tomam banho, fazem massagens, branqueiam os dentes e se depilam) estão em alta, perdurando até hoje. No Ocidente, em finais da Idade Média, com a mentalidade da época, tomar banho era uma atividade anual, pois os médicos achavam que a água dilatava os poros e era modo de entrada de doenças. Também reis e rainhas fugiam de banhos, disfarçando os maus odores com perfumes e incensos.



Só com o Iluminismo o banho foi redimido como meio de cuidar da saúde. A popularização do banho acontece a partir de 1930. O banho e a lavagem de roupa interior era semanal. Após a 2ª guerra mundial, a reconstrução das casas permitiu que os chuveiros fossem disseminados.

Quanto á limpeza dos dentes, as pessoas mascavam pauzinhos de árvores aromáticas ou usavam os dedos para lavar os dentes.

A 1ª escova de dentes surge na China. Em 1800 as escovas de fibras eram usadas pela população da Europa e Japão.

No que se refere ao local onde depositar os dejetos humanos, os nossos antepassados faziam-no em matas, bosques ou num buraco escavado no chão.

No Egito, surgem as primeiras latrinas, usadas de modo a que as pessoas ficassem sentadas, criando um padrão usado até hoje. Os Romanos usavam bacias e latrinas coletivas, instaladas em grandes bancadas de pedra, onde por baixo passavam canais de água corrente, usados para levar os dejetos até aos rios distantes.

No século XVI, John Harrington projetou o 1º modelo de sanita usada posteriormente durante muito tempo. A popularização deste evento só ocorreu em 1668, quando as casas construídas em Paris passaram a ser obrigadas a ter uma sanita. No início do século 19, o inglês Joseph Bramah inventou uma sanita com descarga hídrica. Foi em função do uso da água que a sanita se tornou tão importante e é impensável hoje em dia não a ter em nossas casas.

E antes da invenção do papel higiénico em 1857, por um americano, as pessoas limpavam-se com o que tinham á mão: água, areia, folhas, erva. Não era nada simpático!

Os meninos e meninas dos 3 anos A aprenderam o porquê de tomarmos banho, lavarmos as mãos, usarmos a sanita, nos pentearmos, lavarmos a roupa.

Aprenderam também que um pintor, Edgar Degas, pintou quadros sobre o banho, intitulados *A Banheira*.

Fizemos muitos trabalhos sobre este tema e trouxemos fotografias nossas em cada um dos momentos dos hábitos de higiene!



Sala dos 3 anos A

Notícias dos Pequeninos

CORES FRIAS

Depois do inverno falar
As cores frias fomos procurar.
Verde, violeta e azul
Acabámos por encontrar.



Observámos, pintámos e recortámos.
Demos largas à imaginação
Os trabalhos ficaram lindos
E desta forma trabalhámos a estação.



Trabalho realizado pelos 4 anos A, C e D

Notícias da Escola

Uma manhã diferente

Hoje, dia 31 de janeiro, a nossa turma foi realizar atividades desportivas, com a professora Ana e o professor João Passos, no Estádio Universitário, que fica perto da Cidade Universitária.

Quando chegámos ao Estádio, conhecemos a nossa monitora Sara, que nos apresentou o espaço e o planeamento das atividades a desenvolver durante a manhã.

Antes de conhecermos o professor Ricardo, dirigimo-nos aos balneários a fim de trocarmos de calçado.

De seguida, iniciámos a primeira atividade de aquecimento, chamada "Caçador", que tinha como intuito não ser apanhado pelos caçadores furtivos e fugir o mais depressa que conseguíssemos.

Para realizarmos o Softball adequadamente, primeiro, tivemos de treinar os lançamentos e as tacadas fortes e poderosas.

Com a pontaria afinada e os braços aquecidos, a turma já pôde jogar Softball e enfrentar, com mais facilidade, os adversários. Conseguimos marcar vários pontos, ganhar bases, gastar calorias, transpirar que nem uns búfalos e, logo de seguida, no lanchinho da manhã, comer que nem umas chitas esfomeadas e tagarelas. Ah, e o mais importante, estávamos todos muito risonhos e divertidos, como as hienas!

É ainda importante dizer que o jogo Softball é idêntico ao jogo Baseball, uma vez que o material utilizado é o mesmo e algumas regras também; só a maneira de lançar a bola é que é diferente, pois no Baseball o lançamento é por cima e no caso do Softball é por baixo.

Após a paparoca, a turma foi dividida em duas metades, na qual uma começou por jogar hóquei e a outra jogou "Tiro ao Alvo". Passado algum tempo, trocámos, para todos conseguirem fazer as duas atividades.

No hóquei, o que faltou foi o gelo e os patins, para nos sentirmos como verdadeiros profissionais. Foi muito divertido e emocionante, pois alguns meninos nunca tinham experienciado algo igual.

Em relação ao "Tiro ao Alvo", precisámos de muita ajuda para manusear o arco gigante, tal como pudemos comprovar com o desabafo da Sara Maia «Como é que eu posso lançar, se o arco é maior do que eu?». Para além disso, ainda necessitámos das flechas e do alvo.

Todos os alunos da nossa turma gostaram bastante desta manhã diferente, com o professor Ricardo sempre muito prestável e amigo, num espaço diferente e enorme e com atividades desportivas

diversas. Os alunos pedem para que, um dia, tenham outra oportunidade como esta.

Turma do 4º ano B



Notícias da Escola

Visita de estudo à Villa Romana e à Casa Senhorial d'El Rei D. Miguel



No dia 14 de janeiro de 2014, os alunos da turma do 7º ano A foram a uma visita de estudo na Villa Romana e à Casa Senhorial d'El Rei D. Miguel, situada em Rio Maior. As professoras acompanhantes foram: Ana Isabel Alves (professora de história) e Eduarda Amaro (professora de inglês).

A partida deu-se às 09h20m e a chegada ao local deu-se por voltas das 10h50m.

Quando lá chegámos, vimos uma amostra do que restava da Villa Romana, onde a guia nos explicou o que tinha acontecido naquele local e porque é que só restava aquela parte. Explicou-nos ainda que naquele local em tempos existiu uma sala onde os romanos faziam grandes festins e quando alguém se sentia mal disposto havia um local reservado nessa sala chamado "vomitório", pois os romanos queriam provar todas as comidas existentes nas festas. A guia também nos disse que eram eles que desenhavam e pintavam os azulejos do chão. Cada azulejo tinha cerca de 1 cm² de área.

Mais tarde, fomos visitar a Villa Romana. Também fomos à Casa Senhorial d'El Rei D. Miguel ver alguns vestígios que os romanos deixaram na Villa Romana e outros elementos relacionados com os romanos, como, por exemplo: azulejos, uma constituição da Villa em modo pequeno, diversos fragmentos de base de fuste em pedra de líos, tudo isto são peças em exposição no museu que existe na Casa Senhorial. Depois, fomos para a carrinha, que nos trouxe de volta para o Externato, onde chegámos por volta das 13h.



Museu da Casa senhorial d'el rei D. Miguel

**Ana Carolina Quaresma Rodrigues, Márcia Antunes Ferrão,
Sofia Alexandra Polquinhas Maravilha, 7º ano**

Quando a nossa Cidadania marca a diferença



Vamos ajudar

Refúgio Animal Angels, é este um dos nomes das muitas instituições que resgatam animais abandonados no nosso país. Infelizmente, muitas delas, inclusive esta, são pouco conhecidas devido à falta de divulgação.

O Refúgio Animal Angels precisava de alimentos para cães e gatos e a turma do 1º ano B e a Professora Cláudia Caseiro tiveram a iniciativa de ajudar os amiguinhos de 4 patas, recolhendo alimentos. Os alunos da turma do 6º ano, deram a conhecer às outras turmas do 2º e 3º ciclos que haveria uma recolha de alimentos para ani-

mais entre os dias 13 e 24 de Janeiro. Foi bastante importante a nossa contribuição para tornar cães e gatos felizes e com um bom lar!

Já ajudámos... e gostámos!!!

Para sabermos um pouco mais sobre esta campanha, resolvemos fazer uma pequena entrevista à turma do 1º ano B e à professora Cláudia Caseiro, que muito simpaticamente nos recebeu.

Conseguiram alcançar o vosso objetivo?

Prof. Cláudia: Sim, mas nos outros anos em que realizamos este tipo de recolhas conseguimos muito mais. Mas temos de pensar positivo.

Porque é que escolheram esta Instituição?

Prof. Cláudia: Porque esta instituição é muito pouco conhecida e recolhe muitos animais abandonados.

Que opinião tem em relação a esta Instituição?

Prof. Cláudia: Tenho uma opinião boa, tem condições excelentes.

Porque é que avançaram com esta ideia?

Prof. Cláudia: Porque estamos a falar sobre os animais.

**Ana Silva, António Ribeiro, Carolina Louro, Filipa Coelho, Leonor Santos,
Martim Pimpão, Matilde Reis, Ricardo Almeida, Rita Prates e Teresa Beirão, 6º ano**

Livros e Leituras

O amor pelos animais

Uma leitura de *A Viúva e o Papagaio*, de Virginia Woolf

VIRGINIA WOOLF
A VIÚVA E O PAPAGAIO



Acabámos de ler um conto da escritora inglesa Virginia Woolf intitulado "A viúva e o papagaio". Não é das obras mais conhecidas, mas a sua leitura foi uma agradável surpresa.

Este conto fala-nos sobre uma senhora viúva, de idade avançada e pobre. Apesar das dificuldades em que vive, nunca deixa que o seu cão, Shag, passe fome, pois é uma mulher dedicada aos animais.

Contudo, um dia a sua sorte parece mudar porque recebe uma carta que anuncia o falecimento do seu irmão, que lhe deixara em testamento uma casa e uma quantidade generosa de dinheiro. Entusiasmada pela ideia de ficar rica, dirige-se logo

para a aldeia onde o seu irmão vivera.

Porém, fica muito desiludida pelo estado decadente da casa e ainda mais pelo facto de, afinal de contas, não haver dinheiro algum. Para piorar mais a situação, dá-se um terrível incêndio na velha casa. No meio destes azares todos, apenas uma coisa alegra a viúva, um papagaio que pertencera ao seu irmão e que grita constantemente "Não estou em casa!".

Na noite do incêndio, inexplicavelmente, o papagaio leva a senhora às ruínas da sua casa, mostrando-lhe um sítio secreto. Depois de muitas bicadas e escavações, descobrem uma quantidade enorme de moedas de ouro. Afinal, o dinheiro referido no testamento existia.

A viúva, agora, rica, não cabe em si de contente e regressa à sua casa, levando consigo o papagaio. O resto da sua vida é passada de forma calma e abastada na companhia dos seus animais.

Fica a lenda de que quem passa pela terra do irmão da viúva ouve umas bicadas do papagaio ou até vê a própria senhora. Será verdade?

Este é um conto cujo tema é o amor aos animais. O texto mostra-nos que se os tratarmos bem, com carinho, eles retribuem-nos essa ternura. É o que acontece no conto de Virginia Woolf. O papagaio revela o local do tesouro à viúva porque esta foi bondosa e estava disposta a ficar com ele. Portanto, devemos tratar bem os animais e fazer deles a nossa companhia.



A turma 5ºA

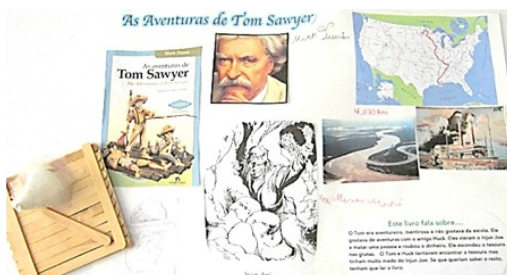
4ºA e as leituras

A turma do 4º A fez cartazes sobre os livros que leram nas férias de Natal, sob o título: Nestas férias eu li...

Cada um de nós fez um pequeno texto sobre o livro, um desenho sobre a nossa parte favorita e colámos no cartaz uma foto da capa do livro.

Alguns escolheram os livros da lista do Plano Nacional de Leitura, como a Mariana e a Sara, que leram o *Segredo do Rio* de Miguel Sousa Tavares, a Matilde, que leu *Era Uma Vez Um Rei Que Abraçou o Mar* de José Jorge Latria, a Emma, que leu *O Capuchinho Cinzento* de André Letria, a Leonor Almeida, que leu *A Bela e o Monstro* e a Leonor Veríssimo, que leu nas férias *Aventuras de Engrácia* de Maria Alberta Menéres, entre tantos outros.

Depois apresentamos os nossos cartazes à turma e partilhamos as nossas leituras!



Deixamos-vos aqui algumas fotos dos nossos trabalhos e esperamos que vos abram o apetite!!

Mariana Leonardo, Matilde Guilherme, Emma Moore e Leonor Almeida, 4º A

Espaço Reflexões

A importância da mudança

Como seria a nossa vida se não existissem os transportes e os meios de comunicação que temos hoje? É com muita dificuldade que nos imaginamos a ir a pé para a escola e a comunicar sem o nosso telemóvel!



A verdade é que na 2ª metade do século XIX, houve um grande desenvolvimento, em Portugal, quer dos transportes quer dos meios de comunicação. Estas inovações melhoraram o nosso modo de vida e ajudaram -nos a chegar até aqui. Contribuíram para a mobilidade das pessoas, das mercadorias e permitiram que as ideias, as notícias circulassem rapidamente.

Fontes Pereira de Melo, ministro dos reis D.Maria II, D.Pedro V e D.Luís, foi extremamente importante, pois pôs em prática um plano de renovação de estradas, caminho-de-ferro, pontes, túneis, viadutos e melhorou os portos do nosso país. Um movimento que ficou conhecido por *Fontismo*.

Falando de transportes...um dos meios que surgiu em Portugal e que sem ele a vida não seria a mesma foi o comboio.

Sabem qual foi o primeiro comboio luxuoso português? Pertencia à companhia "Sud-Express", que fazia a ligação entre Lisboa e Paris em pouco mais de 24h, por isso, não admira que tenha sido considerado a "maravilha do século". O comboio permitia transportar mais pessoas e mercadorias, em menos tempo e para lugares mais longínquos. A vida acelerava-se a todo o vapor!

Pelas estradas viram-se cada vez mais diligências, o novo transporte de pessoas e de correio...falamos da *mala-posta*.

Também o automóvel começa a circular e, a título de curiosidade, Panhard & Levassor 1895, movido a petróleo, foi a 1ª marca de automóveis a circular em Portugal.

Não tínhamos o telemóvel mas as primeiras redes telefónicas ajudaram muito na comunicação, aproximando as pessoas cada vez mais. Esperamos que depois de lerem o artigo tenham compreendido a importância destas inovações para o desenvolvimento do nosso país.



Turma do 6º ano



externato
champagnat
HUMANISMO E EXCELÊNCIA



A Voz do Champagnat

O jornal da nossa escola é de todos e para todos.

Todos os membros da nossa comunidade escolar são bem vindos a contribuir, sejam alunos, pais, professores ou vigilantes.

Envia o teu artigo para

avozdochampagnat@gmail.com

até à penúltima sexta-feira de cada mês e vê os teus trabalhos publicados.

Espaço Aberto

O Homem e a Solidão

Então, o Homem chorou, chorou, chorou. Olhou para ela como quem olha para o inimigo e tentou libertar-se e procurar aquilo que, para ele, parecia uma coisa que não existia, e essa coisa chamava-se LIBERDADE.

Primeiro, experimentou uma coisa nova, chamada Seguir o Instinto e, com a alma, soltou SOLIDÃO, mas isso foi em vão. Depois, tentou seguir o pensamento, mas isso também não resultou. Mas, de repente, sentiu um movimento no peito que fazia Bum, bum, Bum, bum, ... e nunca parava.

Então, o Homem pensou, pensou, pensou, até que lhe subiu algo à cabeça chamado IDEIA, que outrora podia ser boa ou má, mas não, aquela ideia era boa, era como se o instinto, a alma e o pensamento se juntassem e formassem algo forte e inteligente. Aí, o Homem pensou:

-Será que este poder existe? Será que estou a sonhar?

Então, ele deu uma chapada na sua própria cara e chegou à conclusão de que...

-Afinal, este poder existe mesmo, como hei de chamá-lo? Ah! Já sei. Vou chama-lo CORAÇÃO!

Depois, o Homem seguiu-o e, de repente, soltou-se da SOLIDÃO e correu em direção a uma luz forte, muito forte. Entrou e encontrou a LIBERDADE. Ela era bonita e elegante. Então, foram os dois percorrer este mundo e outros desconhecidos, e sim, eles eram felizes e andavam sempre de mãos dadas, e estas ficavam presas para sempre.

Miguel Oliveira, 6º ano

Passatempos

Encontra as seguintes palavras

Agradecer

Ajudar

Igualdade

Respeitar

Amigo

Responsável

Lealdade

Perdoar

Solidário

Honestidade

Persistente

Bernardo Gomes, 7º ano

A	A	P	F	O	X	W	F	F	E	A
E	G	E	W	E	Q	B	O	Q	O	Y
W	D	R	D	E	S	V	E	S	F	W
S	E	S	A	H	S	S	E	W	B	E
D	F	I	N	D	R	F	B	A	D	D
L	A	S	N	M	E	C	A	S	F	A
E	C	T	U	A	S	C	L	B	O	D
V	A	E	X	X	P	W	E	L	L	L
A	J	N	A	S	E	H	T	R	T	A
S	C	T	F	X	I	J	Z	U	C	E
N	U	E	A	U	T	O	D	L	I	L
O	U	M	J	A	A	D	S	J	G	H
P	W	Z	H	D	R	X	K	H	U	V
S	X	J	M	J	K	H	E	W	A	V
E	Z	Z	E	K	A	W	Y	K	L	I
R	R	A	D	U	J	A	Y	J	D	U
E	G	A	E	S	S	K	O	J	A	I
G	D	W	G	E	M	M	T	E	D	O
A	Q	A	E	F	S	H	V	E	E	I
S	O	L	I	D	A	R	I	O	V	A
Q	Y	H	F	D	S	D	A	I	A	M
F	O	Z	E	Z	A	J	A	J	O	W
J	L	R	R	R	E	H	A	F	G	M
Q	A	R	S	A	Q	Q	T	R	I	T
C	W	Q	Y	Q	Q	J	D	O	M	T
O	P	E	R	D	O	A	R	E	A	B
A	A	D	E	T	J	L	B	F	T	L
E	D	A	D	I	T	S	E	N	O	H

Espaço Crónica

Mais um salto temporal

Não fosse o papa Gregório XIII e uma comissão de sábios (li algures que o nosso Pedro Nunes fez parte deste grupo, sem sair de Portugal), reunida para estudar o calendário Juliano, e estaríamos atualmente a comemorar o início do ano lá para o primeiro mês de outono ou coisa parecida.

O que acontece, sabe-se hoje com um rigor muito maior que o rigor existente na época (estamos a falar de finais do século XVI), é que o ano (tempo de duração de uma revolução completa da Terra em torno do Sol) tem uma duração maior do que os 365 dias que nós consideramos; tem uma duração de 365 dias 5 horas 48 minutos e 46 segundos.

Como se pode deduzir, se são 365 dias e cerca de 6 horas, ao fim de 4 anos teremos mais $4 \times 6 = 24$ h, logo 366 dias.

Já no século 46 a.C. o calendário Juliano, criado por ordem do imperador romano Júlio César e segundo o que parece pelo astrónomo de Alexandria de seu nome Sosígenes, tinha como uma das suas normas o facto de intercalar três anos curtos (simples) e um quarto ano longo (bissexto). Muito mais tarde, já com a numeração inerente à era cristã, os anos bissextos serão todos os anos divisíveis por quatro, ou seja, todos os anos em que o seu número termina em "00" ou o seu algarismo das dezenas e o seu algarismo das unidades constituem um múltiplo de quatro (como por exemplo 316 ou 1532 ou ainda 74500).

Como realmente um ano não dura 365 dias e 6 horas, mas sim 365,242199 dias, que é um pouco menos que 365 dias e um quarto, ao fim de uns séculos, que mediaram entre 46 a.C. e 24 de fevereiro de 1582, data em que o papa Gregório XIII promulgou o novo calendário, pela bula papal **Inter Gravissimas**, claro que o ano se foi adiantando e o equinócio do início da primavera, já não coincidia com o dia 21 de março. Isto, para o calendário católico, era preocupante pois a

Páscoa é marcada atendendo à data do equinócio da primavera e depois tudo o resto, incluindo o início da Quaresma e depois a quinta feira da Ascensão são marcadas a partir daí. O Domingo de Páscoa é o domingo imediatamente a seguir à primeira lua cheia depois do equinócio da primavera. Existem algoritmos e tabelas para o cálculo da data do Domingo de Páscoa em qualquer ano futuro ou passado, sendo um dos métodos baseado na divisão do número do ano por dezanove e acrescentando uma unidade ao resto dessa divisão. Obtém-se, assim, um número dito de ouro, que se converte numa data consultando uma tabela.

Os sábios convocados pelo Papa Gregório XIII resolveram o problema acrescentando uma regra às já existentes no calendário Juliano. Esta consistia no seguinte: "se o número do ano terminar em dois zeros, mas o número de centenas não for divisível por quatro, isto é, se o ano não for divisível por quatrocentos, então o ano é um ano simples". Foi o que aconteceu ao ano de 1900. Além disso, o Papa ordenou que, atendendo ao atraso já existente de cerca de dez dias, e acumulado ao longo dos séculos, o dia 4 de outubro de 1582, uma quinta-feira, fosse seguido do dia 15 de outubro de 1582, uma sexta-feira. Verifica-se assim que nos quatrocentos anos seguintes houve 97 anos bissextos pelo que a duração média do ano Gregoriano foi de

$365 \frac{97}{400}$ dias, o que corresponde a 365,242500 dias que é o mesmo que 365 dias 5 horas 49 minutos e 12 segundos. Não é uma aproximação nada má, nomeadamente atendendo aos conhecimentos e capacidades do século XVI.

Nota: O calendário Juliano iniciou mais um ano no passado dia 14 de Janeiro, o que significa que já tem um atraso de cerca de treze dias.

BOM ANO.

Luís Ribeiro

Ficha Técnica

Externato Champagnat

Quinta da Vila Formosa, Aeroporto 1700-008 Lisboa

avozdochampagnat@gmail.com

Direção e edição — Teresa Byrne

Coordenação de Secção — Teresa Byrne (Editorial, Espaço Aberto, Notícias da Escola e Leituras); Maria João Correia (Reflexões) Sandra Sousa (Notícias dos Pequenininhos), Andreia Arruda (Notícias da Escola), Anabela Ribeiro (E Assim Se Fala e Escreve... Bem e Livros e Leituras), Sara Alves (Espaço Biodiversidade), Luís Ribeiro (Espaço Crónica)

Impressão — Natália Prior

A Voz do Champagnat

